

ARTUR NEVES

Canto Amor

Trovas a Solo Sonorizadas no Violão

DE LUANDA À CALIMA
ENTRE O MAR E A MULHER

A
A. Coleção
Avaral com o
Carinho de D. Antero
V. M.
12/13/2022

CANTO AMOR

ARTUR NEVES

CANTO AMOR

Trovas a Solo Sonorizadas no Violão

DE LUANDA À CALIMA ENTRE O MAR E A MULHER

Título: Canto Amor
Autor: Artur Neves
©Artur Neves
Edição: Artur Queiroz
Capa e paginação: Anabela Queiroz

Execução gráfica / Distribuição
Letras Em Marcha – Distribuidora, Lda
Rua Cidade de Tomar, 9 A
1750-066 Lisboa
Tel./Fax: 217 577 540
letrasmarcha@gmail.com

Tiragem: 3000 Exemplares
ISBN: 978-989-8352-77-4
Depósito legal n° 437067/18

ÍNDICE

9	INTRODUÇÃO
15	NO SENTIDO INVERSO DA VONTADE
16	Angola Mulher
18	Lágrima Viva
20	Sonhei ao Vento
22	Amor à Natureza
24	Amar o que a Vida Não Matou
26	Adeus, André!
28	Recado
30	Mar Amigo
32	ABC DO BÓ
34	Este Natal
36	Carta do Lubango com Destino ao Desespero
38	LEMBRANÇAS DE FEVEREIRO
40	Tatuagem em Fevereiro
42	Hino de um Nacional
44	Semba Nacional
46	Mulher do Meu País
48	Instantes de um Cantar
50	Lentamente
52	A um Deus Conhecido
54	Sol do Meu Luar
56	Luanda
58	INTIMIDADES
60	Água Viva
62	Esperança
64	Segredo
66	Não olhes para o Sol
68	Brisa Doce
70	Felicidade Inventada
72	Cansado de Cantar
74	Meu Irmão do Gove
76	Esquecimento
78	Tempo de Ternura
80	Coisas da Saudade
82	Mussulo
84	EXTRA TEXTO
86	Lentamente

INTRODUÇÃO

Artur Neves é um artista de várias artes, artesão do semba e esteta do som. Quem como eu teve a honra de trabalhar com ele na Emissora Oficial de Angola (hoje RNA) e logo após o 25 de Abril de 1974 na extinta Voz de Angola, sabe que ele estava no topo da sonoplastia angolana. A sua dimensão técnica foi recompensada quando viu um programa que sonorizou em estereofonia ser premiado no Portugal “do Minho a Timor”. O locutor, produtor, realizador e repórter Brandão Lucas chamou-o para captar som ao vivo e depois sonorizar duas reportagens fabulosas – Esta Noite Fui ao Mar e Luanda 12-14 Horas – que ficará nos anais da Rádio Angolana, na época uma das melhores do mundo. Estas peças foram para o ar na Rádio Eclésia Emissora Católica de Angola onde Brandão Lucas era realizador e produtor independente.

Outro edifício sonoro fabuloso criado por Artur Neves foi a Crónica de Saint Leibovitch, com o jornalista e escritor João Aguiar, que teve uma primeira apresentação pública no Teatro Avenida, em Luanda, e mais tarde no Teatro Experimental de Cascais.

Artur Neves e Brandão Lucas estavam entre os melhores, ao nível de um Rogério Vasconcelos ou João Canedo, para apenas referir dois entre dezenas de profissionais excepcionais que deixaram marcas indeléveis na Rádio Angolana.

O som foi sempre a vida e a seiva que move Artur Neves no mundo das artes. Construiu grandes monumentos sonoros. Tratou com especial cuidado o som recolhido entre as comunidades étnico-linguísticas que compõem o mosaico cultural angolano, cada vez mais Património da Humanidade. O artista compreendeu, ainda no berço, com sua avó bessangana da Ilha do Cabo, que a mais extraordinária realização de um Povo é criar uma Língua, expoente máximo da comunicação e a forma mais eloquente de provar o amor pelo outro.

Artur Neves é um patriota. A Pátria Angolana é a suprema paixão do artista. Quando foi preciso, abandonou os estúdios e os botões para percorrer todas as frentes de combate durante a II Guerra de Libertação Nacional. Ele e o cineasta Óscar Gil registaram os sons e as imagens do heroísmo dos angolanos em armas. Jamais viraram a cara à luta. Quando Agostinho Neto proclamou a Independência Nacional, o sonoplasta deixou a Rádio e mergulhou a fundo na vida do novo país cuja Bandeira ajudou a subir nos primeiros momentos do dia 11 de Novembro de 1975. Outras paixões e outras artes foram chamadas à sua vida venturosa.

Artur Neves passou a dedicar o seu talento à música angolana, como autor, compositor e cantor. Mas recusou a vertente comercial que sempre envolveu o meio artístico angolano, sobretudo em Luanda. Criou no Clube Hípico, em Belas, uma tertúlia de artistas e boémios, onde imperava a amizade e germinavam laços de amor. Artur cantava, declamava e tocava. Apareciam por lá artistas consagrados, como André Mingas, Carlitos Vieira Dias, Filipe Mukenga, Irmãos Kafala, Matias Damásio, Tino Catela ou Mário Rui Silva, compositor, executante exímio, cantor e quimbundista, mas também jovens que estavam a dar os primeiros passos na vida artística. Passaram por lá cantoras e cantores fabulosos que nunca gravaram a sua obra e acabaram por morrer em botão. O próprio Clube Hípico foi sacrificado à economia de mercado, que a partir de 1992 passou a ser a bíblia que se impôs a tudo e todos.

Artur Neves encontrou no Planalto Central um refúgio, nos arredores da cidade do Huambo, a Calima, antigo colonato povoado por cabo-verdianos e que foi importante bacia leiteira. Por vezes vai a locais públicos mostrar a arte que lhe pulsa nas veias e faz dele um esteta do som. Ele, o violão, a sua voz única e, de vez em quando, um percussionista solidário e acontece cultura. Quando vou ao Huambo, visito o Bairro São João, onde nasceu minha filha e sua avó trouxe de Cangamba técnicas infalíveis de dar a todas as mães uma “boa horinha” no nascimento das suas crias. Depois é usufruir da amizade de Artur Neves e recordar os velhos tempos da Emissora Oficial de Angola (RNA).

Um dia encontrei entre os velhos livros herdados de meu pai, um estudo do poeta e ensaísta Mário António sobre o sonetista Eduardo Neves. Nas suas pesquisas, um dos maiores poetas de Língua Portuguesa e seguramente o grande poeta de Luanda, encontrou dois sonetos de Neves.

Mário António não o disse, mas digo eu: aquelas duas peças obrigam a repensar tudo o que está escrito e estudado sobre as marcas e os alicerces da Literatura Angolana. Peguei nelas e mandei-as ao artista do som, com esta mukanda: “Eduardo Neves, um poeta contemporâneo de José da Silva Maia Ferreira, (último quartel do século XIX) compôs poemas que têm expressões em Kimbundu, chaves para abrir a porta lírica das composições. Mário António publicou e fez um estudo sobre estes belos e raros sonetos, que encontrou no “Almanach de Lembranças”, editado em Lisboa, 1884, página 138: “À sombra da palmeira sussurrante/eu gozo as delícias de Kapua/ouvindo com prazer cantar a ndua/na múrmura floresta verdejante. /A brisa perpassando, de inconstante, /oscula com meiguice a face tua; /desprende-te essa trança e continua/beijando-te esse colo provocante.../Quem dera, minha amada, que esta vida/me fosse dado ver sempre envolvida/na luz do teu olhar, bela africana. /Mas quando tento louco dar-te um beijo, /sem nunca saciares o meu desejo/tu foges suspirando: - Kaná ngana!

O poeta Eduardo Neves deixou-nos mais esta composição, seguimento da anterior, cheia de angolanidade em tempos de violentíssima ocupação colonial: O título é “Uatoála” (és doce) palavra que deriva do verbo Kutouala (ser doce):

E tu, que não calculas o tormento/que sofre quem assim te vê fugir, /começas lá de longe então a rir/enquanto preza sou do desalento.../

E eu que dava a vida n’um momento/por só um beijo teu poder fruir, /quisera a tua imagem ver sumir/pra sempre no voraz esquecimento.../

Mas quando tu me vês desanimado, /o meu olhar sem luz embaciado,/com o peito arquejante e presa a fala; /Vens assentar-te logo ao pé de mim, /e um beijo, um beijo teu me dás por fim/dizendo com meiguice:

- Uatoála... Mano: Tu pegas no violão e fazes disto um semba maravilha. Só tu podes!”

Artur Neves é um trovador. Canta o amor, sonorizado no seu violão. Mas dedicou boa parte da vida a dar som a todos os poetas e cantores que dele se aproximaram. Fica na História da Literatura e da Rádio, a sonorização do programa cultural “Resistência”, na antena da Emissora Oficial de Angola (RNA), realizado e produzido pelo poeta António Cardoso, acabado de ser libertado do campo de concentração do Tarrafal, em Maio de 1974. A sonoplastia de Artur Neves transformou aquele espaço numa preciosidade. O poeta Álvaro Novais, conhecido pelas crianças angolanas dos anos 50 que tinham um receptor de rádio em casa como o “Caixinha de Fósforos”, programa infantil dominical que ia para o ar na antena do Rádio Clube de Angola, compôs dezenas de poemas mas nunca escreveu nenhum. Criava de memória e a memória era o único suporte dos seus extraordinários textos, que declamava nas madrugadas de boémia, no Palácio do Jara (Bairro da Cuca) ou no quintalão de Mamã Lemba, na Ilha do Cabo. Um dia, António Cardoso, Artur Neves e Francisco Simons pediram-me para convencer o poeta a ir gravar as suas obras no estúdio da Emissora Oficial de Angola (RNA) onde produzíamos o “Resistência”. Cumpri a missão.

Artur Neves tem nos seus arquivos sonoros essas peças extraordinárias da poesia angolana. Desde esse dia promovi muitos encontros entre o trovador e o jogral. Uma actividade perigosa, olhada com desconfiança pela mediocridade reinante e que ainda hoje comanda os destinos do fabuloso mosaico cultural angolano. A lei da morte interrompeu essas actividades que exaltavam a Cultura Angolana. Álvaro Novais morreu com uma infecção respiratória, sozinho, como sempre viveu, naquele que foi o palácio assobradado de Ilídio Machado, transformado em sede da Fundação Sagrada Esperança, na Baixa de Luanda.

Os artistas de hoje, na sua maioria, acreditam que a Literatura, a Poesia, o Canto, o Teatro, a Dança, todas as Artes, nasceram no dia em que eles nasceram. Tal como Angola. Felizmente, estão enganados.

O Jornalismo e a Literatura ganharam uma elevada expressão em Angola, no Século XIX, graças à existência de uma indústria gráfica muito desenvolvida, com experiência acumulada desde que chegaram os

primeiros prelos mecânicos a Luanda e São Salvador do Congo (Mbanza Congo), no início do Século XVI. Mestres tipógrafos germânicos e portugueses criaram autênticas escolas da “arte de imprimissão”, o que justificou o lançamento do primeiro jornal, o Boletim do Governo-Geral da Província de Angola, que começou a circular no dia 13 de Setembro de 1845, era governador Pedro Alexandrino da Cunha, um oficial da Marinha de Guerra Portuguesa.

O jornal era impresso em oficina própria, que demorou 20 anos a ser montada. O Governo de Lisboa ordenou a criação do Boletim Oficial, mas forças mais radicais da corte achavam que era perigoso avançar com esse projecto. E tinham razão. Duas décadas depois da criação da Imprensa do Governo de Angola, nasceu a chamada Imprensa Livre, com um periódico impresso em oficina própria.

Em breve, nas páginas dos jornais privados era reivindicada a independência e começou a ser forjado um profundo sentimento de angolanidade, que ganhou a sua expressão máxima no Movimento Vamos Descobrir Angola, um século depois.

No dia 6 de Dezembro de 1866, começou a circular em Luanda o primeiro jornal privado, com consistência e continuidade, que teve como fundadores os advogados António Urbano Monteiro de Castro e Alfredo Júlio Cortês Mântua. O título era A Civilização da África Portuguesa e o subtítulo Semanário dedicado a tratar dos interesses administrativos, económicos, agrícolas e industriais de Angola e S. Tomé.

Além dos dois advogados, o jornal teve ainda como fundadores João Feliciano Pederneira, comerciante de Pungo Andongo, Feliciano da Silva Oliveira, comerciante de Cambambe e Francisco António Pinheiro Bayão, funcionário público, de Luanda. Foi o princípio de um jornalismo de combate, servido por jornalistas angolanos, que na época estavam ao nível do melhor que existia na Imprensa de língua portuguesa, entre eles, Arantes Braga, José de Fontes Pereira, Sant’Anna Palma, Augusto Bastos e o príncipe do jornalismo de língua portuguesa, Pedro da Paixão Franco.

O primeiro jornal angolano (Boletim Oficial) nasceu em Setembro de 1845

e quatro anos depois, em 1849, o poeta benguelense José da Silva Maia Ferreira publicou o livro *Espondaneidades da Minha Alma* com o sugestivo subtítulo *Às Senhoras Africanas*. Em rodapé a informação importante: Loanda Imprensa do Governo 1849. A Imprensa Nacional de Angola de hoje tem a sua marca indelével no primeiro livro de poemas publicada em África, escrito por um angolano. O seu contributo para a Cultura Angolana foi e ainda é inestimável.

Em 1842, Pedro Félix Machado, poeta e romancista angolano, publicou em Lisboa o livro de poemas *Sorrisos e Desalentos*, onde se revelou um grande poeta de Língua Portuguesa e dos mais importantes da escola do parnasianismo. É também autor do romance *Scenas d'África*. Publicou a sua obra em Portugal porque a Imprensa Nacional de Angola só começou a trabalhar dois anos depois. Mas foi nas instalações da Imprensa Nacional, vizinhas do Paço do Bispo e do Palácio do Governador, que o artista plástico Julião Félix Machado, seu irmão, luandense e tal como Artur Neves neto de uma bessangana da Ilha do Cabo, fez a primeira exposição individual de que há memória no universo riquíssimo das artes plásticas angolanas. Julião tem ainda hoje o galardão do mais internacional artista plástico angolano e deixou uma marca de genialidade no desenho humorístico de Portugal, França e Brasil. Em Lisboa, foi parceiro de Rafael Bordalo Pinheiro e com ele fundou vários jornais humorísticos onde o traço dos dois mestres foi garantia de suprema qualidade. Julião sempre fez questão de recordar aos seus pares, que era um artista angolano.

Artur Neves é herdeiro desse mundo de cultura e exaltação nacionalista. Este livro revela as suas trovas. As palavras são tão musicais que dispensam o fiel violão do poeta. Mas nunca a mestria daquele que ainda é um inigualável esteta do som.

Luanda, Vila Alice, 17 de Setembro de 2017

NO SENTIDO INVERSO DA VONTADE

Angola Mulher

(A Todas as Mães Angolanas que Viram os Filhos
Regressar da Guerra)

Do teu ventre, mulher
Este povo nasceu!
O orgulho de teres
Todo o povo que é teu
Toda a paz todo o amor
Foi fecundo em teu ser.

Calaram-se as armas
O teu rosto mudou
Abraçaste a vida
Que o teu ventre gerou!

Mesmo os que perdeste
De outra gestação
São doces saudades!
Vamos dar as mãos
Vivamos a vida
Amemos a Paz
Caminhemos juntos
Sem olhar para trás!

Vivamos a vida
Amemos a Paz
Caminhemos juntos
Sem olhar para trás!

Lágrima Viva

(Para a Fátima com quem aprendi a não falar)

E do céu
Testemunha desta solidão
Irrompeu a chuva
Quais lágrimas soltas
Dos teus olhos parados.

Escondeste o Sol
Por trás dos teus olhos molhados
Que muro de silêncio meu amor
Construíste para me confundir!

Ou inventas calada
O sonho que me acalma
Depois da fúria louca
Dos dias sem sentido.

Como terra depois da chuva
Quero-me fecundo e fértil
Para te plantar à vista do amor
E ver-te desabrochar suave e bela
Com toda a eternidade para amar.

Sonhei ao Vento

(Para a Tina no seu aniversário)

Chega-me do ventre do luar
Amor, desejo, vontade, meu Deus!
Nem queria acreditar
Que sonhava a realidade
E o sonho era um vagido
Nascido numa telha nua
À luz cansada da Lua.

Dei-me a ti para me encantares
Para que no sonho me amasses
Contigo sonhei com barro
Contigo sonhei com vento
Em ti construí meu sonho
Por ti fui só sofrimento.

Contigo sonhei com barro
Contigo cantei trovas ao vento
Em ti destruí meu sonho
Em ti vivi dor e sofrimento.

Amor à Natureza

Preserva protege e ama
Defende o mundo que te cerca
Preserva para que a harmonia
Não acabe, nunca se perca.
Olha à tua volta!
Tens céu, terra e mar
Que alegria, que beleza
O vai e vem do Sol é uma certeza
Com bordados de luar.
Canto todo o encanto
De saber com certeza
Que se respiramos, sonhamos e amamos
Somos de ti, natureza!

Amar o que a Vida Não Matou

(Para que o meu amigo Filipe Mukenga nunca se canse de cantar)

Chega de longe o som
Que teima ser fecundo,
Canto que a terra nos legou
Amor que a vida não matou.
Canta hoje e para sempre
Porque a tua voz viva
Traz o sonho que pensamos.
O perto e longe que nos liga
Faz de ti o canto desta gente
Traz contigo a força do encontro
O amor e a saudade que se sente.
A terra mãe te faz cantar
Prenho de saudades do teu mar
Como dongo que partiu sem regressar
A viagem sem rumo do teu canto.
Vamos encher de canções o som do mar
Fazendo perto o longe que nos liga
Não deixes que chore o teu país
Por ficar sem filho um ventre de mãe.
Canta! Canta! Que precisamos de sonhar
Canta porque é preciso cantar
Canta para ser teu o teu lugar.

Adeus, André!

(Trova Desesperada para André Mingas)

Não quis acreditar na tua morte
Fiz variações sobre um tema teu
Para te abraçar a alma e não chorar
Lembrar-te na melodia criada
Amigo meu que tão cedo perdi.
Se acaso meu dia demorar
Vou juntando todas as lembranças
Nos sons deste recordar
Guarda junto de ti o meu lugar.
O que junto a este vazio?
Porque te perdi pelo caminho porquê?
Por te ver partir tudo parou em mim
Como se o princípio fosse um fim
Mas cantarei em teu louvor.
Porque te foste assim voz amiga peito irmão?
Que pressa tinhas em partir?
Para te lembrar canto e ficarei de pé
Um canto sentido por te ter perdido, André.

Recado *

(Para a mãe da Iris)

Tu foste em mim
Pomba e rola amarga do meu ser
Voas assim
Voaste de mim sem saber
Sem saber que nas alturas
Ou no pouso desse teu largo voar
Sou árvore segura de raízes fecundas
Para te ver voltar.
Voaste assim voaste de mim
Para a libertação
Com voos arrasas
Com voos desprezas tua condição.
Nasceste humilde
Mas de voares tão alto
Fica o sobressalto da desilusão
Voa mais seguro
Pensa que o futuro
Cresce aqui no chão!
Sou um imbondeiro
Forte e prazenteiro
Para te ver voar
Meus braços folhagem
Pouso da viagem
Para te ver chegar.
Voaste à toa
Sobre a vida boa
Sobre a vida boa.

Mas vais-te cansar
Do voo sem viagem
Procuras a miragem
Para te enganares.
Sentirás o preço
O cansaço e o regresso
Vai-te inquietar.
De longe em longe
Lembra o imbondeiro
Forte e prazenteiro
De raízes fecundas
Que estará esperando
Parado e sem mágoa
De não saber voar.

**Esta peça venceu o Festival da Canção de Luanda
organizado pela Rádio LAC.*

Mar Amigo

Amo-te meu mar amigo
Dou-me a ti sou quem tu tens
Sem ti eu fico contigo
Tu sem mim és tu também.
Ao abraçar-te fico ausente
Quando estou em ti
Sinto-me inteiro e abraçado
Tudo em mim é salgado assim
Fim de dia é como um sol.
Em ti me apago noite dentro
Noite dentro noite dentro
Noite adormecida à luz do sol.

ABC DO BÓ *

Meu velho Bairro Operário
BÓ de muito viver
Teu saber andava à solta
Para quem quisesse aprender.
Até Agostinho Neto
Sonhou e sentiu contigo
Um país novo uma Nação.
Neste bairro popular
De tudo havia para dar
Cinemas comes e bebes
Famílias de portas abertas
Almoços até ao jantar.
Gente boa deambulava
Passava o saber de boca em boca
Crescia o bairro por dentro
De gente sem complexos.
BÓ de Gabriel Leitão
Demóstenes e dona Hortênsia
Kalussola, Juventino e Viriato
Saudades da minha infância.
Ó luar do BÓ
Que tantas noites de amor
Vestiste de afecto e prata!
Liceu e Ngola Ritmos
Violões, reco-recos e tambores
Fizeram no BÓ cantares só seus.
A tropa ocupava ruas e becos
Prostituindo nossos amores
Mártires da vida desprevenida.

Com seus secretos pudores.
No nosso Bairro Operário
Tudo nasceu e cresceu grande
E no ABC do BÓ
Jacques escreveu tanta história
Que andando à solta
Encheu o tempo de glória
E tanta saudade do nosso BÓ.

**Esta canção foi feita para a apresentação pública do
livro "ABC do BO" de Jacques dos Santos.*

Este Natal

(Dizem que Natal é tempo da família. E todos se juntam como se realmente fosse assim. Hoje também é o meu dia da família. Por isso, estou aqui contigo e com a filha que é pedaço de nós e da família que quiséssemos ser. Porque é Natal te ofereço com ternura este poema. À mãe da Filipa.)

Natal primeiro
Natal dos Natais
Em cada choro
Dos olhos corre seiva.
É o sinal
E a vida pulsa vigorosa
O frio greta a margem
Sem obstruir a passagem
Do alimento de Natal.
Sedenta sobre teu ventre
Cresce noite após noite a madrugada
Vives o choro é o sinal
Lá longe o longe se une
O após parto não é imoral.
Inconsciência e saudade
Isolamento e verdade
Recusar ser inconsequente
Chegar com o peito gretado
Firme e fiel para este lado
E tu chegas de outro mar
Tão perto deste Natal.

O tempo deixa marcas
Com ele a verdade vem
Nas suas asas chega alegria
Mas a tristeza também.
Esse ventre vazio
Seca de tanto esperar
Pelo amor que de tão vadio
Se encanta para se cansar.
Nas noites e madrugadas
Cresce o choro é o sinal
Existe valeu a pena
Condenem o imoral.
Chega o tempo e o silêncio
Agora é precisar dar tudo
Porque o crer só passa a vontade
Quando sabemos esperar.
É Natal e há presentes
Espero o meu de mansinho
Como eu gostava de ter
Um perdão no sapatinho.

Carta do Lubango com Destino ao Desespero

Teresa, aqui deste refúgio de pressões e monotonia te escrevo.

Neste tempo difícil da minha vida faço uma fuga cobarde. Assim, não sinto a realidade.

Estar aqui é mais do que uma fuga da realidade. Quando a violência da vida nos ameaça, se não encontrarmos um refúgio, tornamo-nos invasores. Para evitarmos a ansiedade fugimos exactamente no sentido da confusão. Como um pássaro que ignora as asas e aos saltos atravessa a estrada, não me dava conta que tinha o poder de alcançar, acima de todos os perigos, o outro lado onde encontro paz.

O hospital donde te escrevo é uma espécie de santuário onde sinto uma grande força espiritual. Mais do que um refúgio, aqui encontro a libertação e a mais amada renovação. Nesta enfermaria ganho forças para enfrentar a vida com as asas erguidas. Aqui tenho o poder com o qual renovarei as minhas forças e com elas caminharei sem fadiga.

Conheço-te o suficiente para adivinhar o teu tempo. Aí tens o campo aberto, os cavalos e o mar. A Filipa para o teu recolhimento. Estou a perguntar-me se deva falar-te assim. Desamarrei a alma, calculo a minha posição, faço balanço dos meus recursos, guardo silêncio para eliminar confusões e evitar catástrofes.

Não sorrias por me veres no paralelo dos teus pensamentos!

Este, tenho a certeza, é o caminho que encontrei para sair. Este é o meu caminho. Noutra rota não poderia sobreviver à fuga insegura e impotente. É que a verdade, é!

Por hora é tudo. Ainda me sinto abalado pela operação cirúrgica. Vou pedir a alguém que me ponha esta carta no correio. Não estranhes que no envelope leve outra letra. É que não trouxe envelopes para o hospital. Do pai amigo Artur.

LEMBRANÇAS DE FEVEREIRO

Tatuagem em Fevereiro

Que lágrimas vejo chover para este mar
Prenúncio de manhã vestida de cacimbo
Que pranto estou inventando
De verdadeiras dores e lembranças de Fevereiro

As linhas de água juntam-se e fazem um ribeiro
Que entra mar adentro em tom vermelho
Tal qual sangue jorrando de corpos baleados
Ao amanhecer da revolta de Fevereiro

E como rio que desce maré vaza
Lá vai sangue e mar pela maré fora
Vermelho terra e mar salgado
Temperando com chuva tanta mágoa

É tão bela esta harmonia
Que transforma em hinos de amor
Os gritos da revolta em Fevereiro
À chuva terra vermelha e maré vaza

O mar é meu íntimo minha casa
Ornamentado de lágrimas antigas
Velhas lembranças de um Fevereiro
Que guardo tatuadas a ferro em brasa.

Hino de um Nacional *

Cantemos o orgulho de pertencer
A um Povo gerado em sofrimento
Sempre sonhando com um País novo
Com a paz, com a paz no pensamento!

Entre lutas contra o ocupante e desavenças
com irmãos rendidos à escravidão
Erguemos um País livre como o vento
Fomos filhos dignos da Nação.

Agora de mãos dadas vamos em frente
Para engrandecer a Pátria Angolana
Honrando os que tombaram na batalha
Dando alento aos que ficaram para trás.

Angola somos teus orgulhosos filhos
Cantaremos eternamente as tuas glórias
Vamos cobrir nossa amada Pátria de vitórias
Porque o Povo Angolano é capaz!

**(Em 1975, vários poetas e músicos angolanos foram desafiados a apresentarem um projecto de Hino Nacional. Eu compus este poema e gravei-o acompanhado ao violão. Mas não foi aceite, porque faltava a partitura. Eu sou músico, mas de ouvido, mãos e coração).*

Semba Nacional

Não quero mais calar
Toda esta dor assim
Não calo não
Não calarei
De pé gritarei.

A dor chegou
Feriu o sol desta manhã
Vai morrer assim ferido
Num anoitecer definitivo.

Todo o meu canto
Tem amor sem fim
Sofrido amor magoado
Quando a arma eu enterrar
E o pão amor florir
Planto ainda mais amor
Até ver meu povo sorrir
Vamos plantar amor
Com a malta aqui da banda
Os do Norte a xinguilar
Os coros do Centro e do Sul
Do Leste vem o batucar
De Cabinda além Cunene o festival
Vamos em frente meu Povo
Este semba é nacional.

Mulher do Meu País

Mostra mulher do meu país
A beleza que transportas
Solta em todos os caminhos
A vida que dás às horas mortas
Passeia a liberdade
Com teu andar de impala
Elegância sem vaidade.

Mulher do meu país
És bela de corpo inteiro
Teu encanto é de raiz.

Instantes de um Cantar

Quero dar minha voz
A novas melodias
Vestidas de outras harmonias
Eu canto amor
Oçam meu cantar.
O meu canto é lamento
Canto para não chorar
Grito para que me oçam cantar
Meu refúgio é meu canto
Quando me ausento de ti
Sei agora porque canto
E porque canto estou aqui.

Lentamente*

Estou no porto onde encalhei esperanças
Sobras e restos dos valores do meu ser
Naveguei solitário vidas sem rumo
Lentamente, lentamente.
Tantos horizontes em derrocada
Tanta luz apagada
Tanto fogo sem fumo
Lentamente, lentamente.
Pesa-me o tempo de acreditar cegamente
nos segredos da mentira na verdade clandestina
nos caminhos cerrados que abria sem vontade
lentamente, lentamente.
Sou timoneiro e não cedi nunca
No desencanto levanto minha taça
E brindo com vinagre que já foi bom vinho
Lentamente, lentamente.
Lentamente chegam tempos novos
Que não compreendemos
Não foi para isto que lutámos e morremos
Lentamente, lentamente.
Um homem só, vale nada!
Mas do nada se faz o sonho
Lentamente, lentamente.
Dou a palavra ao poema
À melodia a última palavra
Lentamente, lentamente.

**Variação do poema publicado em Extra Texto*

A um Deus Conhecido

Define tu como queres falar de ti
Do meu lado está quem não sabe
O que aconteceu ou vai acontecer
E o vazio que deixaste
Continua sem pecado nem idade
Apenas um crescente de saudade.
Partiste quando o alicerce do meu sonho
Estava firme como um rochedo
O ninho já tinha as portas de vidro
Só faltava a inauguração
Fiquei com as chaves na mão
E um desenho do teu corpo
À janela do meu coração.
A vida termina a cada passo
Cada movimento é mundo novo
Reino de um deus sem oração
Um deus que alivia as mágoas
E a todos concede perdão
Mesmo aos fugitivos do amor.

Sol do Meu Luar

Meu amor
Tanta dor nesta saudade
Tanto punhal em riste
Tanto sangue a correr
Nas veias do rio triste.
Em que doce mel
Cresce o fel
Que me é servido?
Invento outro sabor
Para alimentar o amor
És o sol do meu luar
Sombra que me refresca
E fonte de tanta amargura.
Tudo morre tudo acaba
Mas ainda gostava de ser
Jornada do teu caminho
Imbondeiro do teu ninho.

Luanda

Pouco sobra de ti neste vazio
Dói ver-te assim abandonada
Luanda que não esqueço deste lado
Onde é frio o teu calor saudoso.
Tenho saudades de cantar-te
Por seres mãe irmã e amante
Falta-me a minha rua para te cantar
Meu amor é teu desde o primeiro lar.
Cresces desalmada e nova rica
Os que te amaram noutra vida
Hoje ficam perdidos na avenida
Dos milhões e milhões de fachada.
Pergunto para quem serves
Assim tão vaidosa e envidraçada
As zungueiras estão sem nada
De ti tenho a memória magoada.
Aos refugiados da guerra
Apenas dás desgosto e cansa
Morrem nos teus musseques à toa
Afogados na bebedeira.
Amigos de cola e gengibre
Nossa banda já não é
Pregões de Vovó Ximinha
Não fazem eco nem vendem
Luanda não é mais menina
Virou negócio de Bolsa
Com cotação milionária.

INTIMIDADES

Água Viva

Os grãos de milho
Nascem da terra
Onde os vais sepultar
Mas precisam de água
Para a vida germinar.
Quietos esperam
Água vida água viva
Verde na lavra
Milho em casa grão a grão
Sem rio não nasce o verde
Casa feliz tem pirão.
Não viste meu amor
O milho que germinava em mim
Nem este rio desmedido
Que sereno corria para ti
Água terra água vento
Tanta magia em movimento.
Lá longe onde tudo se perde
O meu rio se abraça ao mar
Na foz doce e salgada
A água é imprópria para te amar.

Esperança

Esperança é boa
Para acreditar em tudo
Desde o amor ao sucesso
Sem essa gentil dama
Até alegria vira tristeza.
A esperança me engana
E engana o acontecer
Ausente nem há lembrança
E viver está quase a morrer.
Aviso os amantes da vida
Chega de tanto acreditar
Deixem morrer a esperança
Que há um mundo para amar.

Segredo

Roubei dos teus olhos
A paz que me faz andar
Sem medo
Se confessasse porquê
Deixava de ser segredo.
Eu vou te amar mesmo assim
E se fores capaz de ver
Te roubo o que me alimenta
Para o amor acontecer.
Amar liberta do medo
Vivo afogado em tanta dor
Só para te amar em segredo.

Não olhes para o Sol

Não olhes para o Sol
Ninguém consegue ver
A cor dos seus olhos
Mas mesmo de costas voltadas
Em cada novo amanhecer
Vês em todo o esplendor
O seu jeito de acontecer.
Não olhes para o Sol
Ele dá-se a ti em céus ocultos
Beija o teu corpo em céu aberto
Para ele és horizonte
E a mais amada madrugada.

Brisa Doce

Esta brisa é uma carícia
Que conforta sem promessas
Invisível como tu
Mesmo quando teu corpo nu
Promete mais do que beleza.
Esta brisa é um segredo
Murmurado às palmeiras
Faz navegar dongos à vela
É perfume de rosa amarela.
Gosto de ti inventada
Uma voz que encanta melodias
Brisa doce de carícia
Desejo no teu olhar:
Um cego também sabe amar.

Felicidade Inventada*

Percorro o meu caminho
Passos e vida cansada
Tenho voz e estou calado
Falo sem dizer nada
Invento felicidade.
Sou feliz muito magoado
Vejo o tempo passar
No meu caminho tão longo
No lar onde nasci para amar
E quero viver sozinho.
És princesa do amor que invento
Tesouro que me engrandece
O tempo revela a verdade
Não engana o sentimento.
Se a vida te chama, vai!
És minha filha e mulher
Confia na fortaleza
Deste mais velho que é teu pai.

**Poema partilhado com a minha filha Íris*

Cansado de Cantar

Estou cansado deste canto
De tanto cantar sem ti
Vou para lá do meu sofrer
Canto amor só por cantar.
O amor que nunca canto
Está no meu peito escondido
Há tanto tempo tanto
Que ficou apodrecido.
Se o vento te levar meu canto
Não comemores de alegria
Antes da festa começar
Confirma que te deixo entrar.

Meu Irmão do Gove

(Para o meu amigo Gomes da Silva cientista Góvico)

Longe nos passa o saber
Quando te vemos materializar
Teimoso sonho para o Gove
Quieto e calado mas fiel à tua teimosa visão
Orgulhoso pelo trabalho de décadas
Evitaste o que podia ter sido
A maior catástrofe em África
E do Gove se fez luz.
Tu dizes que foi Deus
Eu aposto na tua ciência e intenção.
Crescemos juntos e convivemos
Nas escadas do Liceu Salvador Correia
Fizemos lá as descobertas que hoje são rotinas
Tantos anos depois ainda dura esta amizade
Estivemos na luta comum pelas coisas da razão
Identidade total na luta de libertação
Gritos de alegria: Viva a Independência Nacional!
Lágrimas pelos que tombaram para sermos nós.
Ninguém derruba a tua fé meu amigo!
Com a ciência nos dás luz e também nos matas a sede
E dizes que sem a tua fé nada seria tão eficiente
Mas eu sei que à ciência associaste o amor pelo povo
O respeito pelos sobas e os nossos Mais Velhos.
Foste o parteiro de um parto com dor
Que fez nascer no Gove o futuro com turbinas
E inunda de energia e luz o nosso Planalto Central
Felizes todos os que acreditaram em ti
Também o nosso Presidente que nunca vamos abandonar
E nos guiou na guerra até ao triunfo da Paz:
Te abraço meu irmão do Gove cientista nacional!

Esquecimento

Não é fácil sentir
Que mais ninguém nos quer ouvir
Nem tu minha musa musical
Que me amarras ao silêncio
E condenas a palavras sem melodia
Cansada de mim e de ti.
Sem a minha amada
Eu sofredor me confesso
Sou a mão decepada do violão
A voz que se remete ao silêncio
O exilado do meu triste coração.
A minha musa musical
Podia ter sido paciente
Tolerar meus amores vadios
E não me condenar sumariamente
A navegar eternamente
No triste rio do esquecimento.

Tempo de Ternura

Sou do tempo da ternura
Da flor com pétalas de carinho
Do respeito pelo amor
Do mais louco ao que magoa
E mata o ovo ainda no ninho.
Já fomos namorados apaixonados
Hoje somos máquinas registadoras
Moedas de dinheiros falsificados.
Sou de um mundo com amor ardente
Traste sem valor envelhecido
Quase morto de tão ausente
Mas amor porque sentido.

Coisas da Saudade

(Para a Iris)

Estou a contemplar
As colinas da Calima
Resgato um escrito antigo
Uma velha melodia
Que canta amor e saudade.
Foram vinte anos de nós
Tantos anos de ilusão
Poucos instantes de amor
Mas um só enchia o coração.
O tempo é sempre pouco
Para quem descobre a paixão
Um segundo é eternidade
Para os náufragos da saudade.
O que sou é tempo morto
Mas com paixão e memória
Nasce nova melodia para a Iris
O amor da minha história.

Mussulo*

Quando a noite vem
A cidade fica quieta
Deste lado há um mar prateado
A paz se projecta.
Vento do Poente
Carícia da gente
Abandono.
Coqueiro curvado
Cansaço de um tempo
Sem dono.
O saber-te aqui
O sentir-te ali
Esquecido.
Ter-te à flor da pele
Tuas águas teu sal
Perdido.
Vento do poente
Carícia da gente
Mussulo
Quero-te por dentro
Lazer que eu invento.

**(Letra de uma canção que concorreu ao Festival da Canção de Luanda organizado pela Rádio LAC no ano de 2017)*

EXTRA TEXTO

Lentamente

Ao Mano Beto (Oswaldo Serra Van-Duném)

Rumo ao porto onde encalho as esperanças
Sobras do resto em que acredito
Esgotado a navegar sozinho estas lembranças
Solto já sem voz aos novos navegantes o meu grito
Hoje sem ti... timoneiro da minha própria conduta
Não cedo, vergado aos desencantos do caminho.
Ao ideário do M... a luz dos simples
Postura da minha luta
Levanto a taça antiga
E brindo com o já amargo vinagre de um bom vinho.

Pesa-me o tempo de acreditar cego
Na consciência de uma razão
Prescrita para este sonho
Como quem sem saber porquê acredita no segredo
Que era preciso lutar...
E que por lutar, morrer, matar, não me envergonho.

Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades
Vontades que por lúcidas e longínquas
Se querem esquecidas.

Que orgulho estarmos juntos
Juntos na verdade
Que fizeram mais felizes
E mais fáceis nossas vidas.

Será que tempos novos
Místicos de segredos iluminados de saberes
Que já não compreendemos
Trarão resposta e calma
Aos nossos velhos medos, de paz dos sonhos
da calma interior

Ou não foi por isso que lutamos.

CANTO AMOR

Trovas a Solo Sonorizadas no Violão

Autor: ARTUR NEVES

EDITORA DIGITAL

"ÁGUA PRECIOSA"

Telefone: 923 407 949

Projecto gráfico

MUKERENG MPÔIO CALUNGA CARDOSO



Todos os direitos desta obra reservados a

ARTUR NEVES

Este E-book está protegido por

Leis de direitos autorais na "CPLP" "SADC" e "PALOP"

=====

"CPLP" COMUNIDADE DOS PAÍSES DE LÍNGUA PORTUGUESA

"SADC" COMUNIDADE DOS PAÍSES DA ÁFRICA AUSTRAL

**"PALOP" PAÍSES AFRICANOS DE LÍNGUA OFICIAL
PORTUGUESA"**

Esta obra está sob uma *Licença Commons*.

Você pode copiar, distribuir, exibir, desde que

Seja dado crédito aos autores originais –

Não é permitido modificar esta obra.

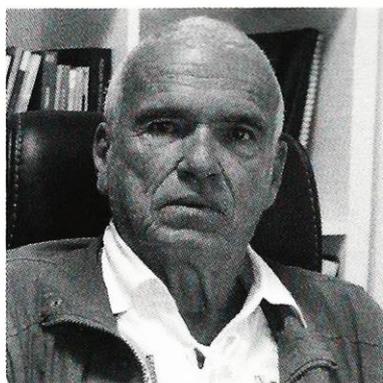
Não pode fazer uso comercial desta obra.

Não pode criar obras derivadas.

A responsabilidade

Pelos textos, músicas e imagens

É exclusivamente do Autor.



POESIA SONS E VIDA

Artur da Silva Neves nasceu em Luanda. Fez o ensino primário na Escola 8, no Bairro do Cruzeiro. Foi aluno do Liceu Salvador Correia. Numa fase em que seu pai, Olímpio Neves, funcionário público prospector de Minas, foi de “licença graciosa” a Portugal, frequentou em Lisboa o Liceu Passos Manuel.

No ano de 1964 iniciou um estágio nos serviços técnicos da Rádio Eclésia Emissora Católica de Angola onde se tornou profissional do som. Em 1970, trabalhou como sonoplasta no Estúdio Valentim de Carvalho (Angola). Foi ele que gravou a maior parte da discografia desta etiqueta, antes da Independência Nacional, com Carlitos Vieira Dias, Elias Dia Kimuezo, Artur Adriano, Lamartine, Joi Artur, Carlos Burity e outros grandes artistas angolanos viram os seus discos sonorizados por Artur Neves.

Em 1972, ingressou nos quadros da Emissora Oficial de Angola (hoje Rádio Nacional de Angola). Em 1974, fez parte do grupo de profissionais que pôs a estação ao serviço dos angolanos e da defesa dos princípios da Independência Nacional. Nessa época trabalhou com técnicos de grande nível como Humberto Jorge, Fernando Neves, Artur Arriscado ou Jofre Neto, os jornalistas António Cardoso, Manuel Rodrigues Vaz, Horácio da Fonseca, Concha de Mascarenhas, Graça D’Orey, Luísa Fançony, Artur Queiroz e tantos mais.

Após a Independência Nacional fez reportagem de guerra para as FAPLA, com o cineasta Óscar Gil. Foi mobilizado pelos comandantes David Moisés “Ndozi” e António França “Nдалu” e integrado na unidade especial Corvos ao Imbondeiro, comandada por Nelson Gaspar. Paralelamente tem criado melodias e escrito canções. Desde estudante que abraça a Poesia. Este livro resume algumas das suas composições.

Com a consolidação da Paz, em 2007 foi viver para o Huambo, comuna da Calima, onde tem desenvolvido actividades culturais e sociais, em parceria com o Governo Provincial.

